

REVIEW AND HERALD, 27 DE NOVEMBRO, 1883

NÃO AO MANUAL DA IGREJA (P.9/745)

O escritor foi solicitado pela recente Conferência Geral a fazer uma breve declaração através da Review das medidas tomadas em referência à proposta de um Manual da Igreja. Nos últimos quatro ou cinco anos, houve com alguns de nossos irmãos o desejo de ter um manual de instruções para o uso de jovens ministros e oficiais da igreja, etc. Pensava-se que isso levaria à uniformidade em todas as partes do campo oferecendo meios de instrução àqueles inexperientes e em outros aspectos muito convenientes. Foram tomadas medidas há vários anos para preparar um manual, mas por um tempo ficou inacabado. No ano passado, na Conferência de Roma, o assunto foi levado em consideração e três irmãos foram nomeados como um comitê para preparar um manual e submetê-lo à Conferência este ano para aprovação ou rejeição. Durante o verão passado, o assunto que eles prepararam apareceu na Review, e sem dúvida foi bem considerado por seus leitores.

Na recente Conferência, um comitê de treze irmãos líderes foi designado para considerar todo o assunto e apresentar um relatório. Eles o fizeram e recomendaram por unanimidade à Conferência que não era aconselhável ter um manual da igreja. Suas razões foram brevemente apresentadas no relatório da Conferência, apresentado na REVIEW da semana passada. A Conferência seguiu esta recomendação e, por unanimidade, decidiu não ter nenhum manual. Ao fazer isso, não pretenderam desrespeitar os irmãos dignos que haviam trabalhado diligentemente para preparar esse trabalho. Eles apresentaram um excelente assunto e deram muitas orientações valiosas sobre as ordenanças da igreja, realizando reuniões de negócios e muitas outras questões importantes, e fizeram o mesmo, sem dúvida, como qualquer outro teria feito em seu lugar. As razões subjacentes a esta ação da Conferência foram de caráter mais amplo. Eles se relacionam com a conveniência de qualquer manual.

A Bíblia contém nosso credo e disciplina. Supre completamente o homem de Deus a todas as boas obras. O que não está revelado em relação à organização e administração da igreja, os deveres de oficiais e ministros e assuntos afins, não deve ser estritamente definido e elaborado em especificações minuciosas por uma questão de uniformidade, mas deve ser deixado ao julgamento individual sob a orientação do Espírito Santo. Se tivesse sido melhor ter um livro de instruções desse tipo, o Espírito sem dúvida teria ido mais longe e deixado um registro com o selo de inspiração. O homem não pode complementar com segurança esse assunto com seu julgamento fraco. Todas as tentativas de fazê-lo no passado provaram falhas lamentáveis. Uma variação das circunstâncias requer variação na ação. Deus exige que estudemos princípios importantes que ele revela em sua palavra, mas as minúcias em executá-los são deixadas ao julgamento individual, prometendo sabedoria celestial em momentos de necessidade. Seus ministros são constantemente colocados onde devem sentir seu desamparo e sua necessidade de buscar a Deus por luz, em vez de ir a qualquer manual da igreja para obter instruções específicas, colocadas por outros homens não-inspirados. Minúcias, direções específicas tendem a fraqueza, ao invés de poder. Elas levam à dependência e não à autoconfiança. É melhor cometer alguns erros e aprender lições lucrativas com isso, do que ter todo o nosso caminho marcado para nós por outros, e ter apenas um pequeno campo no qual raciocinar e considerar.

Embora os irmãos que tenham favorecido um manual já tenham argumentado que esse trabalho não deveria ser algo como um credo ou uma disciplina, ou ter autoridade para resolver pontos controversos, mas era apenas para ser considerado como um livro contendo dicas para ajudar os de pouca experiência, contudo, deve ser evidente que esse trabalho, publicado sob os auspícios da Associação Geral, levaria ao mesmo tempo muito peso de autoridade e seria consultado pela maioria de nossos ministros mais jovens. Gradualmente moldaria e lapidaria todo o corpo; e aqueles que não o seguissem seriam considerados em desacordo com os princípios estabelecidos na ordem da igreja. E, realmente, este não é o objetivo do manual? E qual seria o uso de um se não atingisse esse resultado? Mas esse resultado, em geral, seria um benefício? Nossos ministros seriam homens mais amplos, mais originais e mais confiantes? Eles poderiam depender mais em grandes emergências? Suas experiências espirituais provavelmente seriam mais profundas e seu julgamento mais confiável? Pensamos na tendência de outra maneira.

O movimento religioso em que estamos engajados tem as mesmas influências a enfrentar com as quais todas as reformas genuínas tiveram que lidar. Depois de atingir uma certa magnitude, eles têm tido a necessidade de uniformidade e, para alcançá-la, tentaram preparar instruções para guiar os inexperientes. Estes cresceram em número e autoridade até que, aceitos por todos, eles realmente se tornaram autorizados. Parece não haver um ponto de parada lógico, quando uma vez iniciado nesta estrada, até que esse resultado seja alcançado. A história deles está diante de nós; não temos vontade de segui-la. Portanto, ficamos sem um manual da igreja desde nosso começo. Nossos irmãos que favoreceram esse trabalho, presumimos que nunca antecipamos uma conclusão como indicamos. Muito provavelmente aqueles em outras denominações não o fizeram a princípio. A Conferência achou melhor não dar a aparência de algo assim.

Até agora, nos demos bem com nossa organização simples, sem um manual. A união prevalece em todo o corpo. As dificuldades diante de nós, no que diz respeito à organização, são muito menores do que as que tivemos no passado. Preservamos a simplicidade e prosperamos ao fazê-lo. É melhor deixar bem o suficiente. Por essas e outras razões, o manual da igreja foi rejeitado. É provável que nunca mais seja apresentado.

GEO. I. BUTLER.